

Expressões Livres

Galinhas

Rafael Barrett

Enquanto não possuía mais que minha cama e meus livros, fui feliz. Agora possuo nove galinhas e um galo e minha alma está perturbada.

A propriedade me tornou cruel. Sempre que comprava uma galinha, a prendia por dois dias em uma árvore, para impô-la ao meu domicílio, destruindo em sua frágil memória o amor à sua antiga residência. Remendei a cerca do meu quintal, para evitar a evasão das minhas aves e a invasão de raposas de quatro e de dois pés. Me isolei, fortifiquei minha fronteira, tracei uma linha diabólica entre meu próximo e eu. Dividi a humanidade em duas categorias: eu, dono das minhas galinhas e os demais, que podiam roubá-las. Defini o delito. O mundo, para mim, se encheu de supostos ladrões e pela primeira vez lancei para o outro lado da cerca um olhar hostil.

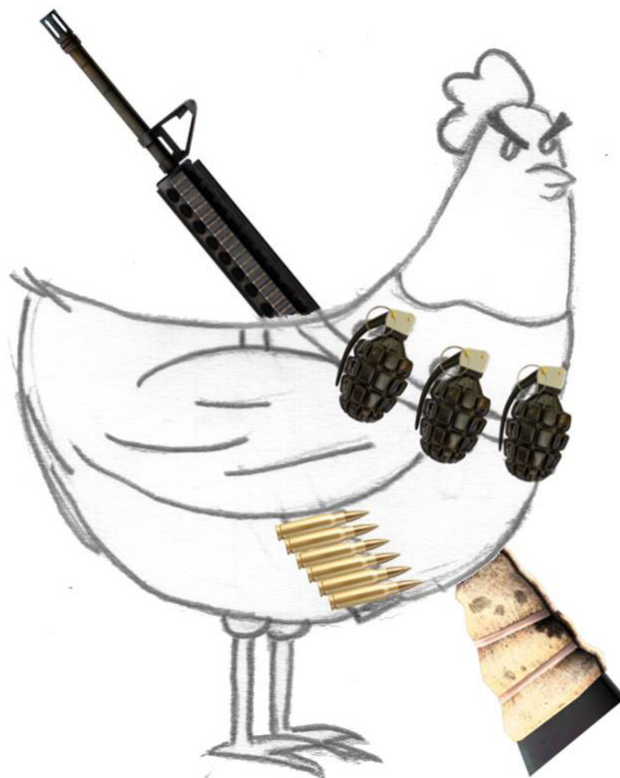
Meu galo era muito jovem. O galo do vizinho saltou a cerca e começou a fazer corte às minhas galinhas e a amargurar a existência do meu galo. Expulsei o intruso a pedradas, mas ele saltava a cerca e voava para casa do vizinho. Reclamei os ovos e o vizinho me aborreceu. Desde então vi sua cara sobre a cerca, seu olhar inquisidor e hostil, idêntico ao meu. Seus frangos passavam pela cerca e devoravam o milho molhado que deixava para os meus. Os frangos alheios me pareciam criminosos. Persegui eles e cegado pela raiva, matei um. O vizinho atribui uma importância enorme ao atentado. Não quis aceitar uma indenização monetária. Retirou o cadáver do seu frango de modo muito sério e, no lugar de comê-lo, mostrou a seus ami-

Galinhas

gos, começando a circular pelo povo a lenda da minha brutalidade imperialista. Tive que reforçar a cerca, aumentar a vigilância, elevar, em uma palavra, meu pressuposto de guerra. O vizinho dispõe de um cão disposto a tudo; eu

penso em adquirir um revólver.

Onde está minha velha tranquilidade? Estou envenenado pela desconfiança e pelo ódio. O espírito do mal se apoderou de mim. Antes era um homem. Agora sou um proprietário...



O Esforço

Rafael Barrett

A vida é uma arma. Onde ferir, diante de qual obstáculo contrair nossos músculos, em que ponto alçar nossos desejos? Será melhor gastarmos de um só golpe e morrer a morte ardente de balas crivadas contra um muro ou envelhecer no caminho sem fim e sobreviver à esperança? As forças que o destino esqueceu um instante em nossas mãos são forças de tempestade. Para aquele que tem os olhos abertos e o ouvido em guarda, para aquele que se incorporou sobre a carne, a realidade é angústia. Gemidos de agonia e clamores de triunfo nos chamam na noite. Nossas paixões, como uma matilha impaciente, farejam o perigo e a glória. Nos descobrimos donos do impossível e nosso espírito ávido se desgarra.

Por o pé na praia virgem, agitar o maravilhoso que dorme, sentir o sopro do desconhecido, o estremecimento de uma nova forma: eis aqui o necessário. Mais vale o horrível que o velho. Mais vale deformar que repetir. Antes destruir que copiar. Venham os monstros se são jovens. O mal é o que vamos deixando para trás. A beleza é o mistério que nasce. E esse feito sublime, o advento do que jamais existiu, deve verificar-se nas profundidades do nosso ser. Deuses de um minuto, o que nos importam os martírios da jornada? O que importa o desfecho sombrio se podemos responder à natureza: - Não me criaste em vão!

É preciso que o homem se olhe e diga: “sou uma ferramenta”. Trazemos em nossa alma o sentimento familiar do trabalho silencioso e admiramos nela a be-

leza do mundo. Sim, somos um meio, mas o fim é grande. Somos faíscas fugitivas de uma prodigiosa fogueira. A majestade do Universo brilha sobre nós e torna sagrado nosso humilde esforço. Por pouco que somos, seremos tudo se nos entregarmos por inteiro. Saímos das sombras para nos aquecermos na chama; aparecemos para distribuir nossa substância e enobrecer as coisas, nossa missão é semear os pedaços de nosso corpo e de nossa inteligência; abrir nossas entranhas para que nosso gênio e nosso sangue circulem pela terra. Existimos enquanto nos damos; recusarmos é desaparecer vergonhosamente. Somos uma promessa; o veículo de intenções insondáveis. Vivemos pelos nossos frutos; o único crime é a esterilidade.

Nosso esforço se liga aos inumeráveis esforços do espaço e do tempo e se identifica com o esforço universal. Nosso grito ressoa por âmbitos sem limite. Ao movermos, os astros estremecem. Nenhum átomo, nenhuma ideia se perde na eternidade. Somos irmãos das pedras das nossas cabanas, das árvores sensíveis e dos insetos velozes. Somos irmãos até dos imbecis e dos criminosos, ensaios sem êxito, filhos fracassados da mãe comum. Somos irmãos até da fatalidade que nos abate. Ao lutar e ao vencer colaboramos na obra comum e também colaboramos ao ser vencidos. A dor e a aniquilação são úteis também. Sob a guerra interminável e feroz canta uma imensa harmonia. Lentamente prolongam-se nossos nervos, unindo-se ao desconhecido. Len-



tamente nossa razão estende suas leis a regiões remotas. Lentamente a ciência integra os fenômenos em uma unidade superior, cuja intenção é essencialmente religiosa, porque não é a religião que a ciência destrói, mas sim as religiões. Estranhos pensamentos cruzam as mentes. Sobre a humanidade paira um sonho confuso e grandioso. O horizonte está cheio de trevas e em nosso coração sorri a aurora.

Não compreendemos ainda. So-

mente nos é concedido amar. Empurrados por vontades supremas que em nós se levantam, caímos para o enigma sem fundo. Escutamos a voz sem palavras que sobe em nossa consciência, e passo a passo trabalhamos e combatemos. Nosso heroísmo é feito da nossa ignorância. Estamos em marcha, não sabemos aonde e não queremos nos deter. O trágico alento do irreparável acaricia nossas têmporas suadas.

“Galinhas” foi publicado originalmente em *El Nacional*, 5 de julho de 1910 e “O Esforço”, publicado em *Moralidades Actuales*, Montevideo: O. M. Bertani Editor, 1910. Tradução para o português feita por Eduardo Cunha a partir da edição *Mi Anarquismo y otros ensayos*, publicado pela Editorial Eleuterio (Santiago, Chile) em 2012.

Ilustrações de **Gabriela Brancaglion** e **František Kupka**, respectivamente.

Rafael Barrett (1876-1910) apesar de ser um dos anarquistas mais conhecidos na América Latina, ainda é um nome que poucas pessoas ouviram falar no Brasil. Este fato, um reflexo de como a história do anarquismo nos países latino-americanos é pouco conhecida entre nós, evidencia-se ao constarmos que estes textos que traduzimos representam um dos primeiros materiais disponíveis de Barrett no Brasil. Assim, sentimos a necessidade de escrever uma breve nota biográfica.

Nascido na Espanha, cruza o Atlântico, residindo inicialmente na Argentina e depois no Paraguai, país onde desempenhou seu trabalho de escritor e cronista de diversos jornais com maior consistência. Também foi neste país em que exerceu sua militância anarquista, aproximando-se das associações operárias e da recém criada FORP (Federação Operária Regional Paraguaia, fundada em 1906) e editando o jornal *Germinal*. Devido às suas atividades, sobretudo as denúncias das condições de trabalho escravo nas plantações de erva mate, foi perseguido e obrigado a sair do Paraguai, exilando-se primeiro na cidade de Corumbá, no Brasil, e depois em Montevideo, no Uruguai. Em 1910, agrava sua tuberculose, que já o acometia há anos. Buscando se tratar, viaja para Paris. Lá sua tuberculose não regride e ceifa sua vida, que chega ao fim com apenas 34 anos.



Xilografia de Diego Bugallo.

Apesar de morrer jovem, Barrett marcou profundamente o cenário literário não somente do Paraguai, mas também da Argentina e do Uruguai. Algumas mostras da sua influência são os comentários positivos de grandes literatos da região, como Jorge Luis Borges, José Enrique Rodó e Augusto Roa Bastos. Tornou-se igualmente uma referência para o anarquismo latino-americano, sendo um grande exemplo daqueles que colocaram sua escrita a serviço da causa social.

Eduardo Cunha